



**cada leitura,
uma experiência**

CHAVES DESCOLONIAIS

para uma leitura da
prática pastoral

**Antonio
de Lisboa
Lustosa**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A leitura da história	11
Da teoria pós-colonial à virada descolonial	29
Categorias importantes para a leitura da realidade	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Encontramos na prática pastoral discursos que são afetados pela visão de história linear, típica da modernidade, com as suas promessas de desenvolvimento referendado pelo estilo eurocêntrico, o que parece indicar aspectos divergentes que apontam para relações desiguais de sobreposição da vontade do supostamente mais forte e poderoso sobre o mais fraco. Nesta maneira de ver a história, os discursos, ao que se comumente vê, sobretudo os dos ilustrados, demonstram não considerar os limites da ação humana, quando apresentam a emancipação ou libertação como uma superação radical da realidade concreta. Prescindindo do que é intransponível no nível material asseguram como factível o que na verdade não o é.

O conceito de modernidade que estou me referindo é aquele que, originalmente, surge como marco temporal histórico, com a emer-

gência da subjetividade através do reconhecimento da força emancipatória da razão humana em contraposição à perspectiva mítico-religiosa e que, gradualmente, vai se constituindo em conceito fundamental na representação da distância entre o antigo (ultrapassado) e o novo (moderno). E, como a Europa é o lugar geográfico onde este pensamento se radica, este fato termina sendo um elemento determinante do conceito, pois é posto como ponto referencial para analisar as demais localidades e como caminho necessário para tudo que queira se desenvolver, o que dá a ideia de eurocentrismo.

Neste sentido, aceder às promessas da modernidade e seus ideais de emancipação, prescindindo da crítica ao caráter opressor e genocida das conquistas coloniais, supõe a vinculação da noção de eurocentrismo a esta perspectiva. Para estudar a questão da visão de história iremos utilizar elementos dos estudos pós-coloniais, que parecem ter uma maior aproximação com a intenção de desenvolver uma leitura crítica não-linear. Neste sentido, é importante a tese pós-colonial de que a história é composta de conquistas coloniais violentas, e, que, o término do nível jurídico-político dos sistemas coloniais não

pôs fim ao colonialismo, mas permanecem outros níveis ou qualidades de colonialismo que podem ser considerados como a colonialidade que perdura nos povos e culturas colonizados.

Daí o fato de podermos verificar a existência da colonialidade do poder e do saber em culturas e povos já contemplados pela difundida independência política e aparente superação do estado de colônia. Isto é, mudou o estado jurídico-político que tornava visível o colonialismo, mas não mudou as formas deixadas por ele de tratar o poder e o saber, pela linha de desigualdade sustentada por uma classificação social a partir da ideia de raça, da concepção de humanidade dividida em seres superiores e inferiores¹.

No entanto, isso não será suficiente para o que aqui se pretende, pois não se trata apenas de considerar as contradições da realidade e os

1 É isto que demonstra Aníbal Quijano quando afirma que a América é a primeira configuração do poder mundial estruturada na globalização e no eurocentrismo e que tem como eixo central a classificação social de todo o mundo a partir da concepção de raça como forma de viabilizar legitimamente a dominação através da conquista (Cf. QUIJANO, 2005, 229).

limites da ação humana, mas também é preciso ver se existem caminhos apropriados de superação destes limites. Ou seja, é preciso ver como é feita a leitura da história e como a realidade com os seus limites é abordada. Para isso, se buscará o auxílio do pensamento desenvolvido pela escola do Departamento Ecumênico de Investigação (DEI)² da Costa Rica, fundamentalmente, a teoria de Franz Hinkelammert sobre a razão utópica.

Discutir a ação de movimentos e instituições religiosas supõe que levemos em consideração os atores e os seus discursos. Aqui se destaca o discurso pastoral, uma vez que este procede de atores que se encontram inseridos em ações eclesiais determinadas, seja em que nível for.

2 Fundado em 1976 com a finalidade de formar líderes cristãos para serem agentes de pastoral nas igrejas ou líderes comprometidos em movimentos sociais ou na luta política. Os principais nomes desta escola são Franz Hinkelammert, Pablo Richard, Hugo Assmann, Juan Luis Segundo, Júlio de Sant'ana, Jung Mo Sung, entre outros.

A LEITURA DA HISTÓRIA **da Teoria Pós-colonial à** **crítica ao mito da Modernidade**

Antes de nos atermos à teoria pós-colonial é preciso esclarecer por que se considera relevante a questão da leitura da história, pois as diferenças dos discursos indicam disparidades que são próprias da forma como cada grupo vê a história e, a partir disso, constroem as suas relações. Para entender isto, vale destacar que entre os modos conhecidos de se ver o mundo e a história há aquele que entende a história de forma linear, formada inicialmente por fases pouco evoluídas, imaturas ou infantis, e o ponto auge dessa linha que seria a modernidade, com as prerrogativas da racionalidade e emancipação humanas. E isto é ainda mais reforçado pela ideia de que este é um evento prioritariamente europeu e que todo o resto do mundo pode ser compreendido a partir dessa referência.